



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL-BARRA DO BUGRES-MT
Orientador: José Manoel Montanha da Silveira Soares**

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO SOBRE
AS PRÁTICAS CORPORAIS ENTRE MENINOS E
MENINAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE
DE TANGARA DA SERRA – MT**

OZÉIAS PINHEIRO DA SILVA

Barra do Bugres - MT

2014

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO SOBRE
AS PRÁTICAS CORPORAIS ENTRE MENINOS E
MENINAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE
DE TANGARA DA SERRA – MT**

OZÉIAS PINHEIRO DA SILVA

**Trabalho de monografia apresentado
como requisito final para aprovação na
disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso II do Curso de Licenciatura em
Educação Física do Programa UAB da
Universidade de Brasília – Polo Barra
do Bugres - MT**

TERMO DE APROVAÇÃO

Ozéias Pinheiro da Silva

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS ENTRE MENINOS E MENINAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE TANGARA DA SERRA – MT.

Monografia aprovada como requisito final para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física – Universidade Aberta do Brasil / Universidade de Brasília. Apresentação ocorrida em ___/12/2014.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

José Manoel Montanha da Silveira Soares
Orientador

NOME DO EXAMINADOR (Examinador)

Ozéias Pinheiro da Silva

POLO – Barra do Bugres – MT

AGRADECIMENTOS

Aos idealizadores, coordenadores e funcionários do Polo de Barra do Bugres da UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL(UAB) e competente UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) por nos proporcionar essa conquista.

Aos colegas de classe pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais numa rara demonstração de solidariedade.

A todos os professores e seus convidados pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

À meu Orientador Prof.^a José Montanha pelo incentivo, simpatia e presteza no auxílio às atividades e discussões para a construção e normatização desta Monografia de Conclusão de Curso.

As Escolas Centro municipal de Ensino Silvio Partenez e Escola Estadual 13 de Maio de Tangara da Serra – MT , Através de todas suas equipes de gestores , professores e funcionários.

A minha esposa e sua família por estar sempre ao meu lado nos momentos difíceis da minha vida.

À minha família pela paciência em tolerar a minha ausência. E, finalmente, a DEUS pela oportunidade e pelo privilégio que nos foram dados em compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, das nossas vidas.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível. A toda minha família e em especial Juares Lucindo da Silva, meu pai, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

A minha querida mãe Francisca Célia Pinheiro da Silva (in memorian), sei que sempre estará do meu lado me ajudando em tudo.

À minha esposa Holiana Maria Ferreira Leite por sua paciência e todo seu carinho, sempre me apoiando e ajudando a resolver tudo.

A minha irmã Jucelia Pinheiro e meu cunhado Aldo Mamoré que sempre me deu força mesmo distante.

A minhas avós Maria e Dulce, que mesmo de longe sempre estiveram presentes ajudando e torcendo pela concretização deste curso. Sem vocês, o sonho não seria possível.

Aos pais da minha esposa, o Srº José Leite e Dona Cida pelo apoio, conselhos e compreensão.

Aos meus cunhados Weder Leite, Bráulio Vita Zansávio e minha madrinha Poliana Leite que moram em meu coração e me acompanharam nesta caminhada.

Aos amigos, por terem participado de uma das melhores épocas da minha vida e por terem participado, indiretamente dessa minha caminhada, fico grato.

À meu orientador José Montanha, pelo empenho, paciência e credibilidade, obrigado por tudo.

EPIGRÁFE

“Há homens que lutam um
dia e são bons.
Há outros que lutam um ano
e são melhores.
Há os que lutam muitos
anos e são muito bons.
Porém, há os que lutam toda
a vida.
Esses são os
imprescindíveis.”

Bertolt Brecht

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
1- INTRODUÇÃO	11
2- OBJETIVOS	13
2.1 – Objetivo Geral	13
2.2 – Objetivo(s) Específico(s)	13
3- Revisão de Literatura	14
4- Metodologia ou Delineamento do Estudo	23
4.1 Cenário da Pesquisa	26
5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS	28
5.1 Análise e Discussão dos Dados	33
6- Considerações finais	43
6.1- Contribuição Científica	46
6.2- Limitações do Estudo	46
6.3- Sugestões para Futuros Estudos	47
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
8. ANEXOS	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos jogando xadrez Durante a aula de Educação física.....	35
Figura 2: Alunos Realizando Alongamento durante a Aula de Educação Física.....	36
Figura 3: Alunos praticando Arremesso.....	38
Figura 4: Alunos Participando de atividades Recreativas.....	41
Figura 5: Alunos Participando de atividades Recreativas.....	42

RESUMO

Atualmente, vivemos em uma sociedade marcada por exclusões, dentre as quais destaca-se a questão de gênero. Nas aulas de educação física, presenciamos essa divisão de forma nítida, prática da separação de meninos e meninas na escola. Nesse trabalho foram realizadas observações de 8 aulas de educação física além da aplicação da entrevista com os professores de educação física dos 6º anos A e B de uma escola municipal de Tangará da Serra - MT para Analisar a prática pedagógica do professor de educação física no que se refere à questão de gênero nas aulas, relatando as metodologias utilizadas pelo professor para trabalhar a questão de gênero nas aulas; apresentar a visão do professor sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física e Descrever como acontece a relação entre meninos e meninas durante as aulas de educação física. Utilizou-se de dados primários e secundários, sendo um estudo de caso. Contudo, considera-se que as aulas mistas de educação física são necessárias, porém esta questão tem que ser bem trabalhada com os alunos, auxiliando os mesmo a respeitar este convívio e as limitações devido a diferença de sexo.

Palavras-Chaves: Educação Física, Gêneros, Aulas Mistas.

ABSTRACT

Currently, we live in a society marked by exclusions, among which stands out the gender. In physical education classes, witnessed this division clear, practical separation of boys and girls in school. In this paper observations of 8 physical education classes were held beyond the application of the interview with the physical education teachers of 6th grade A and B of a municipal school in Tangara da Serra - MT to analyze the pedagogical practice of physical education teacher in concerning the issue of gender in the classroom, reporting methodologies used by the teacher to work with the issue of gender in the classroom; present the vision of the teacher on the mixed bodily practices in physical education classes and describe how the relationship happens between boys and girls during physical education classes. We used primary and secondary data, and a case study. However, it is considered that mixed physical education classes are needed, but this issue must be crafted with the students, helping even respect this convivial and limitations due to gender difference.

Key Words: Physical, Genres, Mixed Classes Education.

1- INTRODUÇÃO

A escolha do tema objetiva cumprir uma exigência curricular apresentada no curso de Educação Física e propiciar um maior conhecimento sobre o que refere-se aos gêneros e as práticas corporais entre meninos e meninas.

A pesquisa intitulada Gêneros e Educação Física: um relato sobre as práticas corporais entre meninos e meninas ocorrerá na Escola municipal de ensino de Tangara da Serra - MT, e que possui no seu quadro docente graduados em Educação Física. O objetivo da pesquisa é analisar como ocorrem as aulas de educação física, relatando assim as metodologias utilizadas pelo professor para trabalhar a questão de gênero nas aulas e ao mesmo tempo, apresentar a visão dos estudantes sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física. O desenvolvimento do projeto dar-se-á por meio da descrição de como ocorrem as relações entre meninos e meninas durante as aulas de educação física e identificar os possíveis benefícios do envolvimento das aulas coeducativas.

A relevância do tema encontra-se na descoberta de como são realizadas as práticas corporais no contexto atual, de aulas coeducativas. Teremos a possibilidade de visualizar se ainda existem ideias estereotipadas no conduzir das aulas, se os professores estão conseguindo mobilizar as aulas para trabalharem as diferenças enquanto gênero nas aulas práticas.

É sabido que para isso faz-se necessário um embasamento teórico, sendo assim, serão estudados autores como: Helena Altmann (2009), Eliana Ayoub (2011), Marlon Santana da Cruz (2009), entre outros. Diante disso discorreremos brevemente sobre como o termo gênero foi introduzido nas aulas de Educação Física.

De acordo com Abreu & Andrade (2010) o termo gênero começou a ser difundido no Brasil em 1970. Na Educação física foi só em 1990, quando o termo deixou de ser visto estritamente como biológico e passou a ser visto como função social. Essa nova visão introduziu um novo conceito de aulas mistas, isso é aula coeducativas. A coeducação conforme Saraiva (2005) deve

ser entendida em geral como práticas conjuntas entre meninas e meninos, a qual colabora na interpretação das atividades físicas e do esporte numa visão relacional de gênero, combatendo o sexismo, libertando alunos e alunas dos estereótipos e das determinações de que cada sexo deve vivenciar tais práticas corporais. Deve ser uma prática que venha revelar o sentido da união dos sexos na Educação Física Escolar, buscando a emancipação dos alunos.

Assim no trecho acima apresenta a igualdade entre os alunos dos gêneros masculino e feminino para realizar atividades de educação física na escola proporcionando oportunidades para que ambos os gêneros convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças entre os mesmos.

Ao olhar para a história da educação física, observa-se que o conceito de meninas participarem de aulas de educação física era inaceitável até 1930, quando os meninos e meninas passaram a receber o mesmo ensino nas escolas, ainda existindo, diferenças entre o que ensinava para mulheres e para homens.

A construção do currículo escolar era com base nas diferenças de gêneros. As meninas e meninos recebiam informações diferenciadas, com professores diferentes no intuito de evidenciar a visão de que a mulher fora criada para constituir família, ser mãe e esposa e o homem ser o provedor. Tratando-se das práticas corporais, pode ser definida como toda manifestação corporal, independente do grupo ou do indivíduo. Carvalho (2006) as práticas corporais são:

componentes da cultura corporal dos povos, dizem respeito ao homem em movimento, aos seus gestos e ao seu modo de se expressar corporalmente. Nesse sentido, agregam as mais diversas formas do ser humano se manifestar por meio do corpo e englobam as duas racionalidades: a ocidental com as ginásticas, esportes e caminhadas e a oriental, com o tai-chi, yoga, lutas, etc. (Carvalho, 2006, P 02).

Desta forma, observa-se que na Educação Física, as práticas corporais estão intimamente ligadas ao contexto cultural, fator essa para destacarmos a esportivização a partir da década de 1940 e a dificuldade da inserção do trabalhar aulas coeducativas no contexto escolar.

A pesquisa busca discorrer sobre os benefícios das aulas coeducativas e encontrar nesse ínterim as fragilidades nas metodologias e no currículo.

Sabe-se que o docente tem papel primordial no sucesso das práticas coeducativas. A esportivização trabalhada sobre um novo viés pode agregar na aceitação e compreensão da diversidade. Por meio das pesquisas foi possível inferir que a prática pedagógica está vinculada diretamente a realidade histórica, cultural, política e social e nesse quesito, na área da Educação Física acontece o mesmo.

A forma como um professor trabalha conteúdos e conceitos em sala de aula estão diretamente ligados à forma como ele vivenciou e internalizou tais conceitos, por isso, vemos em muitas situações professores proliferando conceitos equivocados sobre as práticas coeducativas.

Desse modo, surge a indagação: Como o professor desenvolve sua prática pedagógica no que se refere à questão do gênero nas aulas de educação física em turmas do 6º ano, período matutino, do ensino fundamental em uma escola pública da cidade Tangará da Serra - MT? E na busca por sanar tais indagações, surge à pesquisa acima supracitada.

2- Objetivo

2.1 – Objetivo Geral

Analisar a prática pedagógica do professor de educação física no que se refere à questão de gênero nas aulas.

2.2 – Objetivo(s) Específico(s)

- Relatar as metodologias utilizadas pelo professor para trabalhar a questão de gênero nas aulas;

- Apresentar a visão do professor sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física;
- Descrever como acontece a relação entre meninos e meninas durante as aulas de educação física.

3- Revisão de Literatura

A pesquisa intitulada “Gênero e Educação Física: Um relato sobre as práticas corporais de meninos e meninas em uma Escola no Município de Tangará da Serra” trata sobre o gênero e as práticas corporais. Diante disso faz-se necessário contextualizar os termos propostos na pesquisa. Concorda-se com Abreu & Andrade (2010) que o conceito de gênero surgiu no final da década de 1960 com os movimentos femininos, de cunho político social. O termo tem como referência um conjunto de qualidades, identidades, comportamentos e papéis atribuídos a homens e mulheres de forma distintas. Através desses papéis, podem-se compreender as relações de gênero, que são determinadas pelo contexto político, cultural, econômico e histórico.

Segundo Matos (1997) as relações de gênero procuram mostrar as diferenças por meio de símbolos e significados. Desde modo as desigualdades são evidenciadas nas relações.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. Esses perfis se constituem social, cultural, e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder. (Matos, 1997, P. 97).

No decorrer dos anos, os estudos sobre o gênero conseguiram alcançar um patamar elevado de informações, que permitem um balanço histórico de diferenças entre homens e mulheres, tanto biologicamente, quanto socialmente.

Ao que trata-se de práticas corporais, pode-se definir com toda manifestação corporal, independente do grupo ou do indivíduo. De acordo com Carvalho (2006) as práticas corporais são:

Componentes da cultura corporal dos povos, dizem respeito ao homem em movimento, aos seus gestos e ao seu modo de se expressar corporalmente. Nesse sentido, agregam as mais diversas formas do ser humano se manifestar por meio do corpo e englobam as duas racionalidades: a ocidental com as ginásticas, esportes e caminhadas e a oriental, com o tai-chi, yoga, lutas, etc. (Carvalho, 2006, P 02).

Dessa forma, observa-se que na Educação Física, as práticas corporais estão intimamente ligadas ao contexto cultural, fator essa para destacarmos a esportivização a partir da década de 1940 e a dificuldade da inserção da mulher no contexto das aulas de educação física.

Sabe-se que no decorrer dos séculos ocorreu uma diferença no tratamento de homens e mulheres em relação às práticas corporais e que tal tratamento baseia-se em uma questão histórica e cultural. De acordo com Cruz & Palmeira (2009)

Historicamente, as mulheres têm exercido papéis secundários em relação aos homens, em quaisquer setores da sociedade. Essa dita superioridade masculina foi construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero. (Cruz & Palmeira, p. 01, 2009)

Essa forma de educar, no contexto familiar contribuiu para acentuar as diferenças no tratamento entre meninas e meninos. As crianças são criadas desde muito cedo, com valores e conceitos estereotipados. Cruz & Palmeira (2009) ao citar Souza Jr. (2004) acrescenta que:

a construção social da desigualdade de gênero tem início desde o nascimento dos bebês. As pessoas nascem “machos e fêmeas” e são criadas e educadas conforme o que a sociedade define como próprio de homem e de mulher. Esta educação diferenciada consiste entre outros procedimentos, como nas formas de presenteio, de vestimentas, contar histórias, e ainda mais sutilmente, nos aspectos como atitudes, trejeitos e expressões corporais. (Cruz & Palmeira, p. 05, 2009)

Essas construções sociais da desigualdade estão arraigadas culturalmente, sendo esse os motivos dos pais transmitirem aos seus filhos o que foi passado a eles pelos seus antepassados. Um processo de transposição genealógica. É tão evidente esse conceito de construção social baseado em

diferenças que até nos dias atuais é possível visualizar o que refere-se a meninas e meninos de forma distintas. Souza Jr. (2004) afirma que:

essas naturalizações encontram-se arraigadas na cultura, a ponto de os pais transmitirem estas informações aos seus filhos erroneamente tratando como se fossem características próprias de cada gênero definidas geneticamente, ou seja, naturais e imutáveis. (Souza Jr. P02. 2004)

Essas naturalizações apresentam-se na forma como as mães utilizam os acessórios nas filhas, meninas usam rosa e meninos azuis, meninas brincam de bonecas e meninos de carinhos entre outros. Com o desenrolar da história e com a busca pela igualdade entre homens e mulheres começou a ser disseminado o termo “gênero”. Utiliza-se o conceito de gênero formulado por Joan Scott (1990) que entende como uma construção social e histórica dos sexos. Esse processo de expansão do conceito nas ciências humanas tornou-se conhecido no Brasil através do texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” de Joan Scott (1995). O termo gênero até esse momento era conhecido estritamente como um conceito biológico para definir o sexo. Segundo Silva (2003)

Aparentemente a palavra gênero, foi utilizada pela primeira vez com um sentido próximo do atual pelo biólogo estadunidense John Money, em 1955, precisamente para dar conta dos aspectos sociais do sexo. Antes disso, a palavra gênero tanto em inglês, como em português estava restrita à gramática, significando “sexo” dos substantivos. Este mesmo autor prossegue afirmando que o “gênero” e o “sexo” diferem-se enquanto ao seu significado, pois, enquanto o “gênero” refere-se aos aspectos socialmente construídos, o “sexo”, refere-se aos aspectos estritamente biológicos. (Silva, p.91, 2003)

De acordo Souza et al (1999) esse conceito de gênero com base no “sexo” enfatiza o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilitando perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. É possível destacar ainda, que independente das diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas.

Para Altmann et al (2009) o termo gênero é conceituado como uma categoria analítica e relacional a qual se articula com outras categorias, como raça, classe, geração, sexualidade e como uma forma de dar significado às relações de poder. (Altmann et al, P. 03, 2009). Desta forma, relações de poder estão baseadas em qualidades, identidades e comportamentos distintos de

homens e mulheres. Outra forma como se dá as relações é o contexto social, cultural e político econômico em que o indivíduo encontra-se.

De acordo com Louro (1992):

gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação. (Louro, p.57. 1992)

Sabe-se que na Educação Física o termo gênero começou a ser difundido por volta de 1990, quando algumas pesquisas começaram a ser desenvolvidas. Até esse período existiam pesquisas sobre mulheres e educação com turmas mistas, mas sem relacionar e categorizar o termo gênero. (ALTMANN et al. p.03, 2009)

Historicamente, na busca por transpor esse pensamento estereotipado, em 1920 foi criada as Escolas Mistas com o objetivo de igualar o acesso educacional para homens e mulheres, mas mesmo ocorrendo à convivência no mesmo ambiente, meninos e meninas ainda aprendiam coisas distintas, visto que culturalmente a mulher era vista como um ser inferior, que não necessitava aprender ler e escrever. Cruz & Palmeira. (2009) discorre que a oficialização da 1ª escola mista no Brasil foi em 1920, mantendo a diferenciação, separação e hierarquização, ocorrida em toda a história da instrução de homens e mulheres. A escola mista não alterou a representação tradicional sobre o feminino e o masculino. Desta forma, pode-se observar a diferença curricular para meninos e meninas e a justificativa para tal ação, baseava-se no fato de meninos e meninas virem de casa, separadas por sexo.

Nas aulas de Educação Física esse olhar enviesado para trabalhar com turmas homogêneas era justificado pelo fato dos corpos e habilidades entre meninas e meninos serem diferentes. Para Altmann et al (2009)

A separação é justificada com argumentos fundamentados nas ciências biológicas, de acordo com os quais, homens e mulheres

teriam corpos biologicamente distintos, ou seja, diferenças de estatura, força física, habilidade etc., que impossibilitariam a prática conjunta nessas aulas. Esse argumento ainda se faz presente hoje. (ALTMANN et al. P.4. 2009)

A separação por sexo, nas aulas de Educação Física, fundamenta-se no sentido de corpo como algo biológico e no conceito que o corpo feminino é naturalmente mais fraco que o corpo masculino. Cruz & Palmeira. (2009) ao citar Daólio (1995) considera que:

Há uma construção cultural do corpo definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade. Assim, há uma valorização de certos comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um conjunto de gestos típicos de uma determinada sociedade. (DAÓLIO, p 02, 1995)

A respeito da construção cultural de corpo, destaca-se a pluralidade do termo, que de acordo com Goellner (2010): o corpo implica entendê-lo não apenas como um dado natural e biológico, mas, sobretudo, como produto de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura. Em outras palavras: o corpo não é algo que está dado a priori. Ele resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômica, grupos sociais, étnicos etc. Em outras palavras cabe esclarecer que:

O termo corpo apareça no singular, quando sua análise se orienta pela perspectiva cultural, não há a menor dúvida que se está falando de corpos que são observados nas suas especificidades e singularidades: corpos infantis, jovens, adultos, envelhecidos, brancos, não brancos, pobres, femininos, masculinos, obesos, anoréxicos, saudáveis, doentes, católicos, umbandistas, homossexuais, heterossexuais, com necessidades especiais, atléticos... Enfim, corpos múltiplos, ambíguos, inconstantes e diferentes. Essas distinções resultam de construções culturais plurais, pois cada cultura elabora corpos desejáveis e/ou corpos não desejáveis. Se os corpos são diferentes, é necessário pensar, ainda, que os gêneros e as sexualidades também o são. Essas marcas se inscrevem também nos corpos e, além disso, constituem a identidade dos sujeitos. (GOELLNER, 2010, P. 74)

Esse pensar diferente sobre as construções plurais não ocorria na década de 1970. O Decreto Federal nº. 69450 de 1º de novembro de 1971 como a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolvem e aprimoram forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando. A lei ainda discorria como deveria ser as aulas, quanto à composição das turmas,

cinquenta alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão.

Essa perspectiva de separação perdura até os dias atuais em muitos lugares, visto que é incentivado desde muito cedo na vida escolar das crianças. As crianças ao serem inseridas no contexto escolar visualizam as diferenças entre meninos e meninas, e em muitos casos, encontram na escola aquilo que aprenderam em suas casas, por intermédio dos seus pais.

Observa-se que desde a tenra idade a criança é levada a compreender que existem atividades esportivas que devem ser praticadas por meninas e atividades que são preponderantemente para meninos. Para Ayoub (2001)

As crianças, desde muito cedo, vão aprendendo que “dança é coisa de menina” e “luta é coisa de menino”, reforçando estereótipos em relação às práticas corporais e aos diferentes papéis sociais desempenhados por meninas e meninos, mulheres e homens. Mais tarde, serão o “futebol dos meninos” e o “vôlei das meninas” alguns dos principais exemplos de estereótipos no âmbito da educação física escolar, as quais têm reforçado a ideia de turmas separadas em meninos e meninas nas aulas de educação física. (AYOUB, p.58, 2001).

Para Cruz & Palmeira (2009) o rompimento destas diferenças entre o trabalhar com meninos e meninas ocorreu a partir de 1930. Com a Revolução de 1930 ocorreu uma mudança significativa em relação à posição da mulher. Essa mudança influenciou de maneira positiva o ensino. Desse modo, o ensino dual passou a ser um ensino que buscava a igualdade entre o gênero e que ao mesmo tempo trazia a necessidade de compreender as diferenças entre meninos e meninas.

A tradição de turmas homogêneas manteve-se até 1990 nas aulas de Educação Física, quando o conceito de práticas coeducativas, começou a ser disseminado. Mas o fato de ocorrer aulas mistas, não significa que as práticas coeducativas estavam ocorrendo. Para Altmann (2009):

Aula mista não tem sido sinônimo de práticas mistas ou ainda coeducação. O que se observa, é que, em muitos casos, a aula ocorre simultaneamente para meninos e meninas, mas as separações de gênero continuam acentuadas, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos. (ALTMANN et al, p. 03. 2009).

As ações pedagógicas para minimizar as diferenças entre os gêneros trouxeram à tona a necessidade de modificar o currículo e alinhar uma metodologia que alcançasse as necessidades de meninos e meninas. Foi

necessária uma mudança significativa de conceitos e práticas tradicionais. Muitos docentes, não conseguiram aceitar tais mudanças, mesmo visualizando as necessidades de trabalhar de uma maneira inovadora. Essa dificuldade de trabalhar com turmas mistas persiste até hoje, como afirma Altmann et al. (2009).

Ao longo da sua história, a educação física manteve uma forte tradição de separação de alunos e alunas por sexo nas suas aulas. Apenas mais recentemente, a partir da década de 1990 do século passado, essa tradição começou a ser modificada, e muitos meninos e meninas passaram a compartilhar os mesmos espaços. Mesmo assim, nem sempre realizam as mesmas atividades nas aulas de educação física, pois aula mista não tem sido sinônimo de práticas mistas ou ainda coeducação. O que se observa, é que, em muitos casos, a aula ocorre simultaneamente para meninos e meninas, mas as separações de gênero continuam acentuadas, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos. (Altmann, 2009, P. 04).

A inserção das aulas coeducativas, que trata-se de aulas educativas conjunta de meninos e meninas. Nesse sentido, a Educação Física passa a ser vista como uma ação pedagógica, porém tal ação traz em sua base o caráter fisiológico aliado às práticas físicas da instrução militar. A corrente tecnicista biologicista acredita na superioridade do homem em detrimento da mulher, porque baseia sua justificativa apenas no desenvolvimento motor. A perspectiva progressista avalia as diferenças entre homens e mulheres e acredita que o melhor para o desenvolvimento educacional e o trabalhar de aulas mistas. Diante disso, as práticas pedagógicas precisaram ser repensadas também.

A prática pedagógica está vinculada diretamente a realidade histórica, cultural, política e social e nesse quesito, na área da Educação Física acontece o mesmo. A forma como um professor trabalha conteúdos e conceitos em sala de aula estão diretamente ligados a forma como ele vivenciou e internalizou tais conceitos, por isso, vemos em muitas situações professores proliferando conceitos equivocados sobre as práticas coeducativas.

A resistência observada em muitas escolas, sobre o trabalhar com turmas mistas, parte do princípio, que esses mesmo professores tradicionalmente foram ensinados assim, na sua tenra idade.

Por isso, as práticas pedagógicas precisam ser trabalhadas de tal forma, que permita ao professor estar abertos às novas situações de ensino-

aprendizagem, a fim de transmitir conhecimentos com sentido, significado e valores.

Para uma mudança de concepção é necessário que os docentes sejam auxiliados a refletirem sobre suas práticas pedagógicas. É sabido que a inserção de aulas coeducativas na perspectiva lúdica tem gerado resultados satisfatórios, visto que as atividades lúdicas oferecem a oportunidade de gerar transformações culturais significativas. Essas transformações culturais e sociais permitem que tenhamos uma sociedade mais igualitária, solidária e comprometida em aceitar as diferenças como algo positivo e de fácil adaptação.

Para que isso ocorra nas práticas é necessário abrir mão do já conhecido método tradicional é focar nos novos conceitos de práticas pedagógicas. O método encontrado para trabalhar nessa perspectiva consiste em ensinar esportes coletivos com outros enfoques, ensinando os alunos outros códigos, ligados ao prazer, saúde, sociabilidade entre outros.

Outro ponto importante em relação às aulas mistas é a esportivização. De acordo com Dantas Junior (2008)

O neologismo “esportivização” deriva do que Nobert Elias denomina de “desportivização”, ou o processo mediante o qual, os passatempos, divertimentos e jogos vão se convertendo em práticas institucionalizadas, denominadas desporto, no âmbito da sociedade inglesa no século XIX, daí exportados em escala global com avanço civilizatório. Utilizo o termo “esportivização” para designar a substancial passagem do esporte, nas aulas de Educação física, de conteúdo escolarizado a conteúdo exclusivo, sendo gerador de uma nova forma de organizar o conhecimento, os espaços, tempos e relações sociais dentro e fora da escola. (Dantas Junior, p. 35, 2008)

A esportivização em muitos casos tem sido motivo de fomento para o sexismo e para o conceito de única modalidade para ensino nas aulas. É possível compreender a importância das práticas de esportes entre meninas e meninos, entretanto, são evidentes as diferenças entre os meninos e as meninas, uma vez que, são perceptíveis que as meninas não possuem a mesma habilidade que os meninos.

Consideram como modalidades desportivas usadas nas aulas, principalmente aos esportes coletivos como voleibol, basquetebol, handebol e futebol. Mas é possível acrescentar a essa gama de modalidades, outros conceitos de práticas coeducativas. Altmann et al. (2009) afirma que entre as

práticas conjuntas que trouxeram bons resultados estão, por exemplo, a queimada, alongamento, ginástica em geral, jogos cooperativos, dança e hip hop.

O caminho para a compreensão das diferenças de gênero, independente das práticas corporais vivenciadas é aceitação da diversidade cultural existente na nossa sociedade. Altmann et al. (2009) conceitua que:

Ao evitar a diversidade e os conflitos dela decorrentes, corre-se o risco de contribuir para que seja exacerbadas as atitudes de intolerância, preconceito, homofobia e discriminação não apenas entre meninas e meninos, mas entre os sujeitos de uma forma em geral. Perceber e enfrentar os conflitos que surgem, assim como aqueles velados ou disfarçados, consiste num importante desafio da educação (Altmann et al, 2009, P. 11).

É preciso conscientizar que os gêneros precisam ser respeitados em sua totalidade de vivência. Silva (2002) elucida que: Precisamos fundamentar uma ação pedagógica que permita às mulheres e aos homens, conjunta e indiscriminadamente, conhecimento e vivências lúdicas do corpo que pensa, sente, age, constrói e consome cultura.

Conclui-se que o respeito à diversidade cultural, social e sexual deve ser o primeiro passo para uma política inclusiva. Diferença não significa desigualdade e essa só pode ser minimizada se houver iniciativas que promovam atividades co-participativas, nas quais as diferenças não sejam eliminadas, mas tratadas em suas especificidades.

Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio.

Tal desafio precisa do respaldo de ações pedagógicas disciplinares, neutras, fundamentadas no aspecto biológico e restrito à execução das práticas corporais nos moldes da coeducação.

4- Metodologia ou Delineamento do Estudo

O universo da pesquisa foram os professores de educação física do 6º ano, período matutino, de uma Escola municipal de Tangará da Serra- MT. Conforme Oliveira (2002, p. 1600) “universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum, sendo N o número total de elementos do universo ou população”.

A pesquisa *in loco* foi designada aos professores do 6º ano do período matutino, sendo dois professores distintos.

De acordo com Vergara (2000, p.53), “sujeitos da pesquisa são as pessoas que fornecerão os dados de que você necessita [...]”, portanto os sujeitos desta pesquisa foram os professores do 6º ano de educação Física da Escola Municipal localizado em Tangará da Serra - MT.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e um estudo de caso. Isto porque permitiu observar, registrar, analisar e identificar como o professor desenvolve sua prática pedagógica no que se refere à questão do gênero nas aulas de educação física, nas turmas do 6º ano do turno matutino de uma Escola Municipal da cidade de Tangará da Serra – MT.

Segundo Gil (1999) estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

E ainda sobre o estudo de caso Vergara (2000) diz que estudo de caso é o circunscrito a uma ou poucas unidades, entendidas essa como uma pessoa, uma família, um produto, uma empresa, um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento

Como podemos entender nas informações dos autores o estudo de caso pode retratar uma realidade de forma concreta e profunda, com um ou mais objetivos, e assim proporcionando descobertas, ajudando o pesquisador a entender a complexidade de um fato de forma aprofundada.

Nesta pesquisa foi embasado na revisão de literatura, dando ênfase de como o professor desenvolve sua prática pedagógica no que se refere à

questão do gênero nas aulas de educação física utilizando a pesquisa qualitativa. Primeiramente foi realizado um diagnóstico a partir do levantamento de dados secundários de publicações diversas, livros, artigos e diálogo com os alunos e professor de educação física, e logo após utilizou dados primários sendo classificado como pesquisa de campo para poder vivenciar a realidade.

A pesquisa qualitativa pode ser feita através da análise do conteúdo ou do discurso dos entrevistados ou observados, Godoy explicita algumas características principais de pesquisa qualitativa, o qual embasa também este trabalho:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados. (GODOY, 1995, p.58).

O estudo focou-se na interpretação dos dados concebidos pela pesquisa, dando ênfase na subjetividade viabilizando os passos e processos realizados. Segundo Vergara (2004) a pesquisa pode ser classificada enquanto aos fins e aos meios. Enquanto aos fins pode ser considerada uma pesquisa descritiva e explicativa. Para Vergara (2004), “a pesquisa descritiva não tem obrigação de explicar os fenômenos que descreve, mas serve de base para esta explicação”. Este tipo de pesquisa expõe características de determinada população ou fenômeno podendo também definir sua natureza, ou seja, o que foi desenvolvido neste trabalho é a diagnose do ambiente onde ocorreu a pesquisa.

Para Gil (1996) pesquisa explicativa é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, devido explicar o porquê das coisas. Vergara (2004) contribui dizendo que este tipo de pesquisa é aquela cujo principal objetivo é tornar algo inteligível, esclarecendo quais fatores contribuem para a ocorrência de determinado fenômeno. Assim através deste tipo de pesquisa é possível identificar os possíveis benefícios do envolvimento entre os gêneros nas aulas

A pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, dissertações, Internet etc., até

meios de comunicações orais: rádio, gravações em fita magnéticas e audiovisuais: filme e televisão.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. (GIL, 1997, p.71).

Este estudo é caracterizado como pesquisa bibliográfica, por utilizar bibliografias de terceiros para fundamentar a revisão de literatura, citando autores como: Cruz, Daolio, Louro, Matos entre outros. Oliveira (2002) diz que este tipo de pesquisa tem como intuito conhecer as diversas formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno.

A pesquisa de campo ocorreu para descrever como aconteceu a relação entre meninos e meninas durante as aulas de educação física, pois utilizou de entrevista estruturada na investigação para coletar as informações necessárias a fim de levantar e esclarecer os fatos decorrentes deste estudo. Segundo Vergara (2007, p. 48) “este tipo de análise é realizada de forma empírica no lugar onde acontece o fato, ou naquele que possui componentes que podem elucidá-lo”. Prestes (2004) destaca que na observação, são aplicados atentamente os sentidos ao objeto do trabalho a fim de que se possa, a partir dele, adquirir conhecimento claro e preciso relacionado a pesquisa.

As principais técnicas de coleta de dados utilizadas são as análises de documentos e materiais publicados, observação e entrevista com os professores.

O instrumento de coleta de dados é a entrevista, com o intuito de obter informações sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física. Ocorreu também observação *in loco*, para verificar o comportamento de todos os alunos e os professores envolvidos na aula de Educação Física. Assim pode se observar que foi utilizado dois instrumentos de coleta de dados, a entrevista com o professor, para analisar sua prática de aula no dia a dia e a observação para realizar um relatório descrevendo como acontece as aulas em relação a questão do gênero.

Segundo Vergara (2007, p. 55) “a entrevista é um procedimento no qual você faz perguntas a alguém que, oralmente, lhe responde”. A entrevista auxiliou para responder o problema, assim como os objetivos deste estudo.

A observação é uma forma de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou ferramentas que se deseja estudar.

A entrevista é a técnica de coleta de dados realizada no encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional, seja ela estruturada, ou não estruturada.

Foram avaliados os dados a partir da observação e a entrevista realizada com o profissional de educação física no decorrer deste trabalho. A entrevista foi analisada minuciosamente de acordo com os autores estudados em conformidade com os objetivos traçados, confrontando com a realidade observada pelo acadêmico.

O objetivo da análise e discussão dos dados é resumir as observações, de forma que estas permitam responder o problema da pesquisa.

A referida pesquisa aconteceu através de entrevistas com os professores regente do 6º ano, observações de como são as aulas de Educação Física, como os conteúdos são aplicados.

A partir das observações registros, fotografias realizadas pelo pesquisador durante a pesquisa atentando-se sobre como são as aulas de educação física em relação aos gêneros.

Por meio das observações realizadas durante a pesquisa foi possível verificar o desenvolvimento das aulas de educação física, e o modo como os alunos se relaciona com o grupo.

Para o desenvolvimento da mesma foram utilizados papéis, caneta esferográfica para melhor registrar os acontecimentos. Além de máquina fotográfica para registrar as aulas aplicadas.

4.1 Cenário da Pesquisa

A Escola CME Sílvio Paternez esta localizada na Rua Francisco José de Mendonça 120 n, Jardim Santa Izabel Tangara da Serra- MT. Criado pelo decreto lei n 030/92 autorizada pela resolução 217/96 CEE/MT com atendimentos nos períodos matutino, vespertino e noturno.com 1050 alunos entre a educação infantil, ensino fundamental.

A Escola possui esse nome em homenagem ao senhor Silvio Paternez, natural de São Jose do Rio Pardo, Estado de São Paulo, nascido em 10 de janeiro de 1920. Mudou-se para Tangará da Serra em 1965 e instalou uma máquina de beneficiamento de arroz na cidade. Grande incentivador do plantio de algodão e amendoim na região. Era também incentivador da extinta MATOVEG (Mato Grosso Óleo Vegetais). Articuladora da educação em Tangará, prova disto foi manter suas três filhas: Maria Lúcia, Ivone e Grácia como professoras do primeiro grupo escolar, por um longo período sem a devida remuneração, visando apenas colaborar com o desenvolvimento educacional da cidade.

Por isso, em sua homenagem foi criada a Escola Municipal de 1º Grau Sílvio Paternez, por força do Decreto nº 030/GP/92 de 06 de maio de 1992, localizada no Jardim Santa Izabel em Tangará da Serra.

O Centro Municipal de Ensino Fundamental “Sílvio Paternez” é uma escola considerada de grande porte pela sua estrutura física, administrativa e pedagógica. É reconhecida socialmente pelo excelente trabalho prestado à comunidade na qual se insere.

A parte física deste Centro de Ensino é composta de: Uma quadra poliesportiva coberta, uma quadra ao ar livre, uma área coberta onde estão dispostas 03 mesas de ping-pong e duas mesas grandes de concreto, 4 banheiros para os alunos e 3 pavilhões subdivididos em 17 salas de aula para atender a demanda de 1.050 alunos distribuídos nas modalidades: Educação Infantil, Séries Iniciais e Séries Finais. A estrutura administrativa é composta por 1 diretor, 3 coordenadoras pedagógicas, 1 secretária, 1 bibliotecária, 1 auxiliar de laboratório, 1 zelador, 2 guardas, 03 merendeiras, 02 auxiliares de merendeira, 08 serventes e 45 professores regentes de sala.

Ao analisar os planejamentos de ensino referentes a disciplina de Educação Física pode se observar que os conteúdos ministrados pelo professor possui um esquema planejado para ensino de Educação Física.

No âmbito das estratégias a proposta evidencia que as aulas devem acontecer por meio de atividades rotativas, coletivo, individuais, e em grupos. Quanto aos recursos os educadores da ênfase durante o ano a atividades como o futsal, atividades aeróbicas, alongamentos, vôlei, handebol, basquetebol, jogos didáticos entre outros.

O aluno é avaliado diariamente tanto dentro da sala de aula como em trabalho extraclasse, atenção em sala de aula, participação e interesse e em lugares abertos, como na quadra poli esportiva.

Pode se verificar o planejamento anual dos professores, assim como seus objetivos da disciplina em cada turma.

- ✓ Desenvolver o domínio dos diversos aspectos do movimento;
- ✓ Desenvolver valores como socialização, respeito e cooperação;
- ✓ Desenvolver o controle nos fundamentos dos esportes coletivos e individuais, dentro dos padrões da técnica bem como a participação em jogos desenvolvendo valores como socialização respeito e cooperação;
- ✓ Reconhecer o cuidado com a saúde como meio de melhoria na qualidade de vida desenvolvendo capacidades físicas e habilidades motoras.

A pesquisa de campo foi realizada as quintas feiras, observando as aulas dos dois professores do sexto ano na escola.

As salas dos referidos sextos anos é composta por 35 alunos cada turma, sendo heterogênea.

5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A entrevista foi realizada na escola Municipal Silvio Paternez, localizada no município de Tangará da Serra. A escola possui cerca de 1050 alunos, divididos em educação infantil, séries iniciais, e ensino fundamental.

Para a recolha de dados foi utilizada a entrevista semiestruturado com duas questões fechadas e sete questões abertas contendo questões ligadas a

formação inicial, ao conhecimento do planejamento entre outras com objetivo de investigar as percepções dos professores em relação ao gênero, ou seja, as aulas de educação física mista. A entrevista foi separada em quatro tópicos, sendo formação profissional; objetivos da educação física com 6º ano; conteúdo da educação física no 6º ano; e em relação aos gêneros na educação física. Cada tópico continha duas perguntas, com exceção do último tópico que era composta por três questões.

A entrevista foi realizada com dois professores de educação física do sexto ano A e B do período matutino. Os professores de educação física são graduados em universidades distintas e possuem especialização.

Por uma questão de sigilo, os professores serão identificados como P1 e P2, assim a medida que os dados forem apresentados, conclusões e pontos relevantes para a pesquisa serão discutidos.

As primeiras perguntas em questão foi relacionado a formação profissional, visto que é importante saber sobre o histórico profissional.

1.1 Qual o nível de escolaridade em que atua e a idade dos alunos?

P1 – Atualmente atuo do 6º ao 9º ano, 11 aos 14 anos.

P2 – Este ano trabalho com alunos do 2º ao 8º ano, 7 à 14 anos de idade.

1.2 A quanto tempo de formação na área de Educação Física?

P1 – Aproximadamente 25 anos.

P2 – Há 2 anos.

Pode perceber que a diferença de atuação dos profissionais de educação física é grande, especificamente 23 anos de diferença.

Ao abordar sobre os objetivos da educação física com 6º ano, pode se perceber que os objetivos traçados pelos professores apresenta suas diferenças, porém ambos preocupado no desenvolvimento do aluno.

2.1 Qual o objetivo das aulas dos alunos do 6º ano?

P1 – Desenvolver todas as suas potencialidades no crescimento e desenvolvimento humano.

P2 – Ensinar de forma dinâmica e recreativa sobre atividades esportivas de forma prática e teórica. Fazendo assim para que mais a frente busquem algo para se praticar ou serem futuros atletas.

2.2 Dificuldades encontradas para trabalhar as atividades com alunos do 6º ano.

P1 – Como os alunos da série em questão estão passando por uma fase de transformação, há inúmeras situações que atrapalham um bom desenvolvimento nas aulas de educação física, como: concentração, agressão verbal, respeito e cooperação.

P2 – A rebeldia dos alunos é a maior dificuldade encontrada nas aulas de educação física.

Conforme com as respostas apresentadas pelos professores, eles acabam enfrentando muitas dificuldades no processo de ensino/aprendizagem de seus alunos. Dificuldades que muitas vezes acabam desmotivando esse profissional a desenvolver seu trabalho conforme planejado.

Ao questionar os professores em relação ao conteúdo da disciplina de educação física no 6º ano.

3.1 Possui planejamento de aula? Se possuir como é realizado?

P1 – Faço o planejamento anual com os demais professores de educação física da escola. Este é pensado e elaborado no início do ano letivo e entregue para a coordenação acompanhar os conteúdos, mas também realizo o planejamento bimestral para ter o meu próprio controle em relação a aula desenvolvida.

P2 – Como comecei nesta escola depois que o ano letivo iniciou, faço o meu planejamento bimestral encima do planejamento que a coordenação me entregou, para dar continuidade ao trabalho do professor que iniciou o ano letivo com as turmas em questão.

3.2 Quais conteúdos são utilizados?

P1 – Bulling; higiene corporal; jogos motores, intelectuais; danças; gincana do meio ambiente; fundamentos das modalidades: atletismo, handebol, voleibol, futsal, basquete; e feira do conhecimento com o tema copa do mundo.

P2 – Brincadeiras psicomotoras; jogos coletivos; jogos esportivos desde seu surgimento a sua prática, entre outros.

Como a pesquisa em foco é exclusivamente com o 6º ano os conteúdos trabalhados nesta fase os professores tenta relacionar com alguns objetivos traçados do PCN, como:

- ✓ Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- ✓ Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- ✓ Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- ✓ Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- ✓ Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- ✓ Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- ✓ Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- ✓ Utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- ✓ •Saber utilizar diferentes fontes de informação e recurso tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- ✓ •Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (Parâmetros curriculares nacionais, 1998).

O PCN serve de apoio as discussões, ao desenvolvimento e a reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento das aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e recursos tecnológicos.

As aulas em questão são trabalhadas para que os alunos possa se desenvolver tanto corporal quanto intelectual, através de jogos, danças, entre outras atividades para que os alunos se tornem cidadãos críticos, participativos e atuantes na sociedade.

Outra questão abordada na entrevista foi em relação aos gêneros na educação física.

4.1 Possui planejamento para a questão do gênero na educação física?
Se possuir, qual a metodologia utilizada para trabalhar essas aulas?

P1 – Como professora há 25 anos, não realizo um planejamento exclusivo para trabalhar a questão do gênero na educação física, minhas aulas são planejadas, mas sem pensar neste ponto. Caso em alguma aula aconteça é devido a circunstância, ou seja, não formou time, meninos contra meninas, ou jogos que envolva intelectual como xadrez, dama, dominó.

P2 – Sim, uso jogos e brincadeiras coletivas que necessitam da interação de todos.

4.2 Qual sua visão como professor (a) sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física?

P1 – Tem o lado positivo: cooperação, convivência de meninos e meninas. Os meninos dever ter mais paciência com as meninas, pois possuem menos habilidade motora no futsal. Ponto negativo: O desenvolvimento dos meninos atrasa um pouco no que se refere a competição, pois eles tem mais força e velocidade, e acaba machucando as vezes as meninas.

P2 – Essa prática inclui a participação de todos os alunos, assim não excluem alunos ou alunas menos habilidoso ou devido outro motivo.

4.3 Qual tipo de estereótipos de gêneros mais utilizados pelos alunos nas aulas de educação física?

P1 - Biológico, sociocultural e motor.

P2 - Biológico, sociocultural e motor.

Pode notar que ambos os professores tem conhecimento das aulas mistas de educação física e conforme a resposta de cada um percebe – se que já vivenciaram esta experiência de alguma maneira. Muito se houve entre professores de Educação Física, que as diferenças de habilidade entre meninas e meninos são naturais, argumento este que quase sempre se passa por uma convincente justificativa para as separações por sexo.

Segundo Costa e Silva (2002) Meninos e meninas recebem educação diferenciada e na década de 70, as mulheres começaram a refletir sobre a discriminação que sofreram, passando a compreender que as diferenças de gênero não são produtos das diferenças biológicas, mas consequência das estruturas sociais e culturais que enaltecem o masculino e desvalorizam o feminino. Hoje as mulheres ainda são discriminadas, mas os homens

continuam negando que discriminam as mulheres e estas vem provando que são capazes de conquistar seus espaços assim como os homens. As relações e manifestações de estereótipos de gênero se estabelecem no cotidiano esportivos de alunas e atletas que praticam esportes culturalmente considerados masculinos como, por exemplo, o futebol, futsal, lutas, dentre outros.

5.1 Análise e Discussão dos Dados

A coleta de dados foi realizada em uma escola Municipal de Tangará da Serra que atende alunos do pré ao nono ano. Para apresentação dos dados foi entrevistado dois professores de Educação Física do sexto ano, período matutino.

Através das observações realizadas pode perceber que as turmas são divididas por gênero, ou seja, há uma separação entre meninos e meninas nas aulas de educação física.

As aulas mistas na Educação Física têm o intuito de harmonizar a aprendizagem das mesmas atividades para ambos os gêneros. Contudo, nem sempre as aulas mistas são coeducativas, pois a coeducação tem como objetivo levar o aluno a vivenciar as mesmas experiências e oportunidades, sem levar em consideração as diferenças e semelhanças que exista entre eles. Segundo Gomes (2000), no caso da Educação Física, a coeducação significa valorizar práticas motoras e vivências, associadas ao modelo cultural feminino, de modo a que todas as alunas e alunos as experimentem, sem tornar o modelo masculino como único ou prevalecente.

A problemática elencada na pesquisa pode ser respondida. Como o professor desenvolve sua prática pedagógica no que se refere a questão do gênero nas aulas de educação física em turmas do 6º ano, período matutino, do ensino fundamental em uma escola pública da cidade Tangará da Serra - MT?

Conforme a entrevista e as observações feitas nota-se que as aulas de educação física em sua grande maioria são separadas por sexo, devido aos estereótipos, a fragilidade feminina.

Em muitos momentos durante as aulas observadas pode-se verificar que alguns jogos envolvendo o raciocínio lógico há interação entre meninas e meninos com mais facilidade do que jogos que envolvam velocidade e força.

A figura 1 demonstra a interação dos gêneros jogando dama durante a aula de educação física.

Alguns alunos não realizam atividades físicas, devido à religião, enfermidades ou por não ter afinidade em praticar exercícios, com isso os professores procuram alternativas para envolver estes alunos em alguma atividade, seja intelectual ou um esporte.

Figura 1: Alunos jogando xadrez Durante a aula de Educação física



Na tentativa de intervir em tal realidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), de Educação Física, no que tange às questões de gênero, considera de fundamental importância a realização de aulas mistas, uma vez que estas podem favorecer a meninos e meninas, a aprenderem a ser mais tolerantes, respeitando as diferenças existentes. Evita-se, assim, a construção e/ou reprodução da estereotipia sexual. Contudo por meio de observações da prática dos professores de Educação Física, é facilmente

percebida, a inexistência de estratégias que possam intervir, atenuando essa realidade.

Outro fator observado nas aulas de educação física de ambos os professores foi que no momento de alongar os alunos realizam esta atividade juntos sem distinção de sexo. Queimada, ping pong, dama, xadrez entre outros jogos ambos os sexos segundo relato dos professores os alunos se misturam para participar das atividades, porém futsal, handebol que são jogos que envolvem de certa maneira a força física eles já vem com bloqueio relatando que este tipo de jogo eles preferem separar meninos e meninas.

Figura 2: Alunos Realizando Alongamento durante a Aula de Educação Física



De acordo com Cruz e Palmeira (2009) os professores de educação física preferem dar continuidade aos métodos tradicionais de ensino pela facilidade que este lhes proporciona. Ao separar a turma em dois grupos homogêneos, o trabalho do professor é facilitado, pois as diferenças são minimizadas, uma vez que as diferenças de habilidade motora entre meninos ou entre meninas, no geral, se tornam insignificantes.

No desenvolvimento da pesquisa podem-se atender os objetivos específicos. O primeiro objetivo que trata se de relatar as metodologias utilizadas pelo professor para trabalhar a questão de gênero nas aulas; foi alcançada isto devido a entrevista realizada com os professores onde os

mesmos tiveram opiniões distintas. O P1 relatou que P1 não realiza um planejamento exclusivo para trabalhar a questão do gênero na educação física, as aulas são planejadas, mas sem pensar neste ponto.

Caso em alguma aula aconteça aulas mistas é devido a circunstância, ou seja, não formou time, meninos contra meninas, ou jogos que envolva intelectual como xadrez, dama, dominó. Já o segundo professor entrevistado disse que possui planejamento para a questão do gênero na educação física, através de jogos e brincadeiras coletivas que necessitam da interação de todos.

Tornou-se possível apresentar a visão do professor sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física, devido a questão abordada sobre qual a visão do professor sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física. Sendo que o entrevistado P1 apresentou pontos positivos e negativos de se trabalhar este tipo de aulas. Tem o lado positivo: cooperação, convivência de meninos e meninas. Os meninos devem ter mais paciência com as meninas, pois possuem menos habilidade motora no futsal. Ponto negativo: O desenvolvimento dos meninos atrasa um pouco no que se refere a competição, pois eles têm mais força e velocidade, e acaba machucando as vezes as meninas.

Gaspari et. al. (2003), indicou que as justificativas que apontam para uma preferência pelas turmas mistas apoiam-se principalmente nas possibilidades de se aprender através das diferenças, desenvolvendo nos alunos atitudes de respeito mútuo, solidariedade, cooperação, além de facilitar o questionamento de preconceitos de gênero.

O segundo professor entrevistado citou que essa prática inclui a participação de todos os alunos, assim não excluem alunos ou alunas menos habilidosos ou devido outro motivo.

Darido *apud* Souza Jr (2004) admite que os argumentos utilizados por muitos professores/as para justificar a separação entre meninos e meninas nas suas aulas, apoiam-se na facilidade de homogeneizar os grupos, já que: Há diferenciação efetiva em termos de experiências de movimentos vivenciados por meninos e meninas, e ainda o fator experiência de vida dos próprios professores, pois geralmente a formação destes se deu pautada na separação

por sexo, o que contribui para a dificuldade enfrentada por estes professores em encaminhar propostas coeducativa.

Os meninos, desde criança são habituados com a prática do futsal e através do mesmo constroem uma aula adequada as suas vontades, sem que haja contradições impostas pelo professor. Conforme a estrutura física da escola desde o início da prática esportiva na escola os alunos são separados, onde meninos jogam futsal em uma quadra e as meninas vôlei na outro. Caso a escola possui um espaço físico limitado este tempo é dividido entre eles e as atividades aplicadas são propostas por aula pelo professor.

A construção social da desigualdade de gênero tem inicio desde o nascimento dos bebês. As pessoas nascem “machos e fêmeas” e são criadas e educadas conforme o que a sociedade define como próprio de homem e de mulher. Esta educação diferenciada consiste entre outros procedimentos, como nas formas de presenteio, de vestimentas, contar estórias, e ainda mais sutilmente, nos aspectos como atitudes, trejeitos e expressões corporais. (Cruz & Palmeira, p. 05, 2009)

O último objetivo proposto que está relacionado em descrever como acontece a relação entre meninos e meninas durante as aulas de educação física foi possível averiguar devido as observações realizadas no decorrer do mês.

Algumas aulas quando o professor praticava arremesso ou chute com os alunos (Foto 3) ele dividia a quadra poliesportiva ao meio para que ambos os sexos praticassem a mesma atividade, porém na hora do jogo era dividido o tempo entre ambos os sexos para que todos pudesse praticar.

Figura 3: Alunos praticando Arremesso



Na primeira observação realizada no dia 06-09, foi possível realizar uma sondagem na escola e analisar o projeto político pedagógico do mesmo. As turmas do 6º ano A e B têm duas aulas semanais conjugadas onde são aulas mistas, mas os alunos dos gêneros masculinos e feminino se dividem ao realizar as atividades apresentada pelos professores.

As salas de aulas dos referidos sextos anos é composta por 35 alunos cada turma, sendo heterogênea.

Cada aula de educação física os professores direciona a atividade a ser praticada. Na aula em questão observada os alunos subdividiram em 2 times de meninos e 2 de meninas, para jogarem futsal. O professor divide o tempo em que cada gênero usufruirá da quadra poli esportiva, enquanto os demais alunos fica envolvidos em outras atividades em questão, três cortes, tabuleiro, basquete.

De acordo com Altmann (1998, p.101), “a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si”. Meninos e meninas nem sempre reagem da mesma forma à intervenção docente, uma vez que os meninos desobedeciam mais às normas escolares e as do professor do que as meninas. São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, que se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

No dia 11-09 foi realizado observação nas duas turmas do sexto ano. A turma do sexto ano B teve aula de vôlei, tanto os meninos quanto as meninas.

As aulas foram ministradas na quadra aberta, já que estava um clima agradável e havia outras turmas realizando educação física na quadra poliesportiva.

Nas aulas de vôlei os alunos realizaram a divisão dos times, sendo dois times de meninas e dois de meninos, o time que ganhava jogava com o outro tanto feminino como masculino. Nesta aula pode notar que houve uma interação, porém não mesclaram os times.

A outra turma do sexto ano A, no mesmo dia o outro professor planejou que os mesmos tivessem aula de handebol. Como o esporte não agrada a todos, alguns alunos optaram por alternativas, como jogos didáticos, pula corda entre outros. Em alguns casos eram introduzidos materiais alternativos, afim de, fazer algumas adaptações e estimular a interação dos alunos.

Na aula de handebol o numero de meninas que se interessaram nesta atividade foram poucas, sendo assim elas tiveram que jogar junto com os meninos, havendo interação no jogo entre ambos os sexos.

Tanto uma turma como a outra os professores não conseguem alcançar 100% dos alunos envolvidos na mesma atividade, há divergências de opiniões, gostos diferentes e estes acabam se envolvendo em outras atividades, ping pong, perna de pau.

Na semana do dia 19-09 nas aulas, além das observações foi possível conversar bastante com os professores sobre as atividades e a participação dos alunos nas atividades, e também buscar observar como e quando os professores trabalham a coeducação em suas aulas.

Como no trabalho de monografia tem como objetivo geral analisar a prática pedagógica do professor de educação física no que se refere à questão de gênero nas aulas. Pode se estar atento a todas as atividades dos professores, dentro e fora da sala de aula.

Um fato que chamou a atenção foi que às vezes buscamos ver as diferenças estereotipadas somente entre os alunos dos sexos opostos, mas pode sim ocorrer entre os alunos do mesmo sexo, pois na aula da professora do 6° ano A, a professora após realizar sua chamada, realizou uma separação de equipe para os jogos inter-classes, onde os alunos do sexo masculino praticavam estereótipos de discriminação, por um aluno ser obeso, ou de preconceito, por questões financeiras.

Mas voltando a prática utilizada pela professora na quadra, pode se observar que o desafio de implantar a coeducação nas aulas de educação física em questão do gênero, é um desafio em longo prazo, pois como a aula foi realizada em duas aulas de 55 minutos a professora conseguiu passar vários tipos de conteúdos para que observação nessa questão fosse bem sucedida.

Com o passar dos anos essas perspectivas sobre a prática dos esportes foram se alterando e nas últimas décadas presenciamos mudanças que não mais imputam aos homens o risco à masculinidade por praticar o voleibol. Por outro lado o futebol passa a ser praticado por mulheres, tanto nos clubes quanto em algumas escolas, sem que essa prática também as tornasse masculinizadas (ALTMANN, 1999, p.58).

No primeiro momento como de proposta da aula a professora realizou o seu leve aquecimento, onde com certeza a participação dos gêneros foi de total aceitação sem nenhuma distinção dos alunos, mas já nos esportes como futsal, a professora relatou que realmente não tem como trabalhar a coeducação, pois as ideias de estereótipos motor é um fator presente, já que os meninos sempre colocam as meninas como menos habilidosas e são as que atrapalham nesse esporte, portanto há a separação dos meninos das meninas nessa modalidade. Como ocorreu essa separação foi questionada a professora sobre como ela trabalha o voleibol com ambos os gêneros, a mesma respondeu que nessa modalidade ela realiza a atividade mista (Foto 4) sem nenhuma restrição, mas ainda há questões de habilidade, força que acabam atrapalhando o andamento da atividade, por meras discussões.

Romero e Aguiar (1995, p.01) manifestando sobre aulas de Educação Física Escolar

Separada ou não por gênero, afirmam que, essa posição cômoda, trazida pelas aulas de Educação Física há pouco tempo começou a levantar questionamentos e a propiciar reflexões por parte do corpo docente das escolas, a respeito da eficácia dessa forma de trabalho, e hoje, se tem notícias de experiências bem sucedidas de aulas em que alunos de ambos os sexos participam juntos da prática de atividade física com aulas bem preparadas, longe de exaltar unicamente o rendimento físico. Contudo, em muitas escolas a orientação de separar as turmas por sexo para as aulas de Educação Física ainda persiste perpetuando uma prática sexista que desfavorece meninos e meninas em determinadas atividades físicas .

Figura 4: Alunos Participando de atividades Recreativas.



Abreu (1990) indica que o “fator preponderante que torna incompatível a participação dos sexos em aulas mistas é o desnível das habilidades”. Relacionando a aptidão física com a rejeição pelas aulas mistas, Pereira (2004) afirma que “a habilidade corporal nos esportes, sobretudo em nossa cultura, ainda é tida como coisa de homem”.

Já com o professor do 6º ano B, em conversa com ele, falou que conseguiria colocar os gêneros masculino e feminino juntos para que trabalhasse as atividades juntos. E com isso ele começou sua aula realizando uma atividade de aquecimento onde os alunos saem correndo e ao sinal do professor através de um número que ele pedisse os alunos teria que se abraçar nessa quantidade, no caso se fosse 3 teriam que se agrupar em 3 alunos indiferentemente de sexo (Figura 4), sendo assim os alunos que não conseguissem teriam que realizar um exercício, para pagar a prenda. Realmente com essa atividade foi possível notar que não houve nenhuma restrição por parte dos meninos e das meninas e ainda mostrando que assim a coeducação dos gêneros estava presente nessa atividade.

Figura 5: Alunos Participando de atividades Recreativas.



Nessas observações quando se trata de atividades recreativas é notório que os alunos de ambos os 6º anos, sempre participam sem nenhuma

preocupação de disputa ou de discriminação, preconceitos, habilidades motoras e outros segmentos que possa afetar as praticas das aulas.

Ao observar as aulas nas práticas de esporte os autores como Altmann (1998), que cita que “na escola, os meninos ocupam espaços mais amplos que as meninas por meio do esporte, o qual está vinculado a imagens de uma masculinidade forte, violenta e vitoriosa.” Essa informação procede no andar das observações os alunos na prática de esporte vem mostrando que esse espaço amplo realmente existe nas aulas dos 6º anos.

Altmann (1999) ao se pronunciar sobre a exclusão de meninas na prática de jogos, afirma que isso não ocorre apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas em quadra recebam a bola com menor frequência.

A observação decorrente do dia 26-09 além das observações e conversas informais com os professores de educação física e os alunos também foi realizada as entrevistas com os professores dos 6º anos para a formulação das discussões de resultados deste trabalho.

Visando um ensino mais significativo para o aluno, ou seja, que tenha um significado e que esteja associado a seus conhecimentos prévios, os professores para trabalhar as questões relacionadas aos gêneros procura oferecer aulas dinâmicas. Pois acreditam que esse recurso dinamiza e auxilia na compreensão e assimilação dos conteúdos trabalhados nas diferentes disciplinas do currículo.

A utilização das atividades recreativas como queimadas para os alunos do 6º ano contribui para a ampliação do conhecimento das percepções de sexualidade e gênero dos mesmos, pois na atividade recreativa, a qual é muito prazerosa, possibilita que a criança assuma um papel determinado e atue de acordo com ele, sendo esses elementos importantes para o aprendizado dos alunos.

Também existem nas aulas alguns alunos que não gostam de participar ativamente, estando sempre desmotivados para qualquer atividade que seja proposta pelo professor. Os motivos para este tipo de comportamento são vários, e vão desde a influência de amigos, que escolhem sempre os melhores

jogadores durante as aulas, causando desconforto entre os alunos, até a maneira como os conteúdos são abordados pelos professores que as vezes passam despercebido pelas questões dos gênero nas aulas.

Na escola onde foi realizada essa pesquisa também foi possível constatar que os professores realizam o mesmo plano de curso, para a realização das aulas de educação física, onde todo início de ano os mesmos se reúnem e de acordo com as turmas realizam o planejamento anual, e com isso no dia a dia as aulas são realizadas de acordo com as estratégias dos professores, mas conforme a modalidade ou atividade proposta nesse plano de curso.

Também pode se constatar através do PPP da escola que de acordo com os objetivos dos anos finais cita que a escola deve “promover a interação entre sujeito, conhecimento e sociedade buscando, a partir de experiências de ensino e aprendizagem, a formação de um cidadão ético, autônomo e socialmente responsável desenvolvendo, no decorrer dessa etapa, habilidades de análise, interpretação e síntese, construindo conceitos nas diferentes áreas do conhecimento, respeitando tanto as características da pré-adolescência e adolescência, quanto os saberes e vivências de cada educando, destacando a espiritualidade, a corporeidade, a oralidade, a leitura e a escrita,” pode se perceber que não somente na educação física a escola se preocupa em formar as suas aulas coeducativas promovendo a interação entre os alunos de ambos os sexos, mas em todas as disciplinas em questão.

Ao analisar a prática pedagógica dos professores de educação física no que se refere à questão de gênero nas aulas pode se notar que os mesmos aplicam aulas mistas, porém em certas atividades os alunos preferem estar divididos por sexo para poder jogar com intensidade sem se preocupar em machucar uma menina.

6- Considerações finais

Sendo a questão de gênero construída social e culturalmente, a escola constitui um local importante de representações e manifestações nesse campo, capaz de identificar e expressar valores e ações. No caso específico da

Educação Física, que aborda principalmente a questão motora, as representações e expressões de gênero podem ser bem nítidas na escola, possibilitando estudos para análise das interações, fragilidades e potencialidades tanto dos/as professores/as quanto alunos/as perante as questões de gênero.

A problemática elencada na pesquisa pode ser respondida. Pode-se afirmar que o professor desenvolve sua prática pedagógica no que se refere à questão do gênero nas aulas de educação física em turmas do 6º ano, porém esta prática não é realizada com frequência devida os desafios enfrentados perante esta questão. É notório que atividades físicas que envolva força os alunos, principalmente meninos preferem jogar entre eles devido a fragilidade das mulheres.

Através das aulas observadas, das opiniões dadas pelos alunos durante essas aulas e a entrevista feita com os professores regentes pode se dizer que os professores em suas aulas trazem atividades diferenciadas, ou seja, não se deixa prender somente pelos esportes do cotidiano, mas busca novidades para que os alunos possam entender que a educação física não envolve somente bola e sim alternativas que trabalhe a psicomotricidade, lateralidade, que promove saúde e da capacidade física por meio da prática de exercícios e atividades corporais.

A educação física também tem como intuito integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

No desenvolvimento da pesquisa podem-se atender os objetivos específicos. O primeiro objetivo que trata em analisar a prática pedagógica do professor de educação física no que se refere à questão de gênero nas aulas foi alcançado, isso porque foi feito observações e entrevista com os professores regentes para analisar a maneira que é realizada esta prática pedagógica em questão dos gêneros.

Também se tornou possível relatar as metodologias utilizadas pelo professor para trabalhar a questão de gênero nas aulas através de conversas com os alunos e compreensão da entrevista aplicada, onde os mesmos

descreve a complexidade de se trabalhar aulas mistas em determinados esportes como o futebol.

Outro objetivo específico alcançado foi apresentar a visão do professor sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física. Isto foi possível através da pergunta referente à questão dos gêneros na educação física.

Para alguns professores não existe diferença na prática pedagógica aplicada aos meninos e meninas, porém procuram utilizar a mesma atividade para que não se sintam diferentes. Os docentes relataram na complexibilidade na aplicabilidade dos conteúdos em suas aulas em relação aos gêneros, esta questão foi comprovada. Durante a observação realizada das aulas constatou-se certos conflitos e dificuldades por eles apresentados, pois os meninos são mais participativos no desenvolvimento das aulas de Educação Física do que as meninas, principalmente no que diz respeito a esportes como o futebol, handebol que envolva força física e agilidade.

O último objetivo específico a ser atingido foi de descrever como acontece a relação entre meninos e meninas durante as aulas de educação física, constatou-se através da observação que algumas atividades esta prática é realizada como mostram as fotos 1, 2, 5 e 6 alunos jogando dama, fazendo alongamento, participando da aula de vôlei, atividades recreativa independente do sexo, porém quando o exercício envolve algum tipo de força física ambos os sexos preferem não se misturar como mostra o treino de arremesso da foto 4.

O estudo, além de diagnosticar algumas dificuldades nas práticas docentes ligadas a gênero durante as aulas de Educação Física do 6º ano, permitiu reflexões sobre os padrões tradicionais de relacionamento entre meninos e meninas, no sentido da reconstrução e ressignificação de experiências de crianças e adolescentes em sua diversidade de gênero. A perspectiva dessas reflexões foi à superação de preconceitos e estereótipos presentes no repertório motor, social, afetivo e cognitivo dos alunos e na representação dos próprios professores.

No relacionamento entre os gêneros existem ainda muitas divergências, devido à presença de estereótipos e preconceitos enraizados nos diversos setores de convívio humano.

Outro fator peculiar identificado pelo pesquisador foi que alguns alunos não realizam as atividades proposta pelos professores devido a vários fatores, como: religião, intervenções cirúrgicas, problemas de saúde ou simplesmente por não gostarem. Este se torna um desafio para os professores de Educação Física conseguir fazer com que todos os alunos participem motivados das aulas.

Considera-se que as aulas mistas de educação física são necessárias, porém esta questão tem que ser bem trabalhada com os alunos, auxiliando os mesmo a respeitar este convívio e as limitações devido a diferença de sexo.

6.1- Contribuição Científica

O presente estudo trouxe como contribuição para os professores de educação física envolvidos na pesquisa a oportunidade de discutir a temática e analisar melhor os planejamentos estratégicos traçados em suas aulas. Assim eles podem trabalhar aulas mistas indiferente do esporte, tendo a aceitação dos alunos sem contestar os estereótipos envolvidos.

O estudo também contribui com aqueles que possam se interessar pelos temas abordados nesta pesquisa como os professores de Educação Física, acadêmicos ou comunidade em geral, seja por pesquisa, curiosidade ou aprendizado.

Também foi importante este estudo pelas descobertas realizadas durante a pesquisa através dos conhecimentos dos professores entrevistados e pelas observações realizadas.

6.2- Limitações do Estudo

Para a conclusão deste estudo foram cumpridas todas as etapas previstas na metodologia, Estudos bibliográficos, observação das aulas de

educação física, entrevista com os professores regentes dos 6º anos A e B, para isto foram necessários um mês de observação, sendo duas aulas semanais e dois dias para realizar as entrevistas. Nos dias da aplicação foram encontrados alguns obstáculos em relação aos entrevistados devido à falta de tempo por estarem no horário de aula.

6.3- Sugestões para Futuros Estudos

O presente estudo servirá como fonte para futuras pesquisas ou base para possíveis pesquisas sobre a questão do gênero, destacando a necessidade de dar continuidade a pesquisa abordando assuntos como a preocupação dos professores em ter na sua formação aulas voltadas as questões de gêneros e questões culturais. Considerando que é um tema cheio de riquezas para ser desenvolvido necessitando de acadêmicos interessados neste tipo de pesquisas. Como sugestão também aponta-se a continuidade da pesquisa, a partir dos resultados alcançados com a aplicação deste estudo.

As recomendações deste estudo almejam sua continuidade, aprimorando-se os métodos utilizados e incorporando-se outros, para que haja extensão do tema estudado. Poderia ser realizada uma pesquisa sobre a necessidade de planejamentos voltada as aulas mistas.

Seria relevante se acadêmicos dispusessem a realizar pesquisas in loco, ou seja, nas escolas para presenciar a elaboração destes planejamentos e sua aplicação com intuito de analisar os resultados destas aulas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU. Jânio Jorge Vieira de. & ANDRADE. Thamyres Ramos de. **A compreensão do conceito e categoria gênero e sua Contribuição para as relações de gênero na escola.** 2010. Disponível em: www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/.../GT_10_01_2010.pdf Data de acesso: 01/05/2014.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Educação Física Escolar E Igualdade De Gênero: Um Estudo Transcultural – Primeiras Aproximações.** XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador. Bahia, 2009.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Gênero na prática docente em Educação Física: “Meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”?** *Revistas Estudos Feministas*, V 19, n. 2, p. 491 – 501. 2011. Disponível em: <http://refe.paginas.ufsc.br/revistas-antecedentes/volumes-16-ao-20/volume-19-no-2-2011/>. Data de acesso: 01/05/2014.

AYOUB, E. **Reflexões sobre a educação física na educação infantil.** *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl.4, p.53-60, 2001.

CARVALHO, Y. M. **Promoção da Saúde, Práticas Corporais e Atenção Básica.** *Revista Brasileira de Saúde da Família*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: (portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/revcapa5.pdf). Data de acesso: 01/05/2014.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. **Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica.** vol. 16, n. 2, abril-junio, 2010, p. 149-166

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar.** *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do Corpo.** Campinas: Papyrus, 1995 b.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. “Da escolarização do esporte” a “esportivização da escola”: tradição e espetáculo nos jogos da Primavera de Sergipe (1964-1995). 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/.../Hamilcar%20Dantas%20parte%201.pdf>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

GIL, Antonio Carlos. Pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1997.

GODOY, A.S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v.35, n.2, 1995.

GOELLNER, V. P. (2010). **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade***. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 71-83. SILVA, Rogério Goulart da; COSTA, Maria Regina Ferreira. **A educação física e a coeducação: Igualdade ou diferença?** Revista Brasileira de Ciência e Esporte, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, jan. 2002.

Gomes, P.. **Gênero, Coeducação e Educação Física. Implicações Pedagógico-Didáticas**. *Actas do 1º Congresso Internacional de Ciências do Desporto e Educação Física*. Porto: FCDEF-UP, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. - 9 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, pp. 53-67.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades**. In: SAMARA, Eni de Mesquita. (org.). et alli. *Gênero trajetória em Debate: e perspectiva da historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. P. 83-114.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: Mulher e realidade: mulher e educação.** Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. As Teorias Pós Críticas. In: SILVA, Tomas T. da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução as Teorias do Currículo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Rogério Goulart da; COSTA, Maria Regina Ferreira. **A educação física e a coeducação: Igualdade ou diferença?** Revista Brasileira de Ciência e Esporte, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, jan. 2002.

SOUSA, E. S.; ALTMAN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar.** Cadernos Cedes, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>>. Data de acesso: 01/05/2014.

SOUZA JR, Osmar Moreira. Educação Física Escolar, Coeducação e Questões de Gênero. In: DARIDO, S.C.; MAITINO, E.M. (orgs). **Pedagogia Cidadã: caderno de formação, Educação Física.** São Paulo: UNESP, Pró-reitora de Graduação, 2004.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 1998.

_____. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: 6ª edição. Editora Atlas, 2000.

_____. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: 6ª edição. Editora Atlas, 2004.

_____. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: 9ª edição, Editora Atlas, 2007.

8. ANEXOS

Roteiro de entrevista

Professor entrevistado.....

1. Formação profissional

1.1 Qual nível de escolaridade atua? Qual a idade dos alunos?

1.2 Há quanto tempo de formação na área de educação física?

2. Objetivos da Educação Física com 6º ano

2.1 Qual o objetivo das aulas que você tem com alunos do 6º ano?

2.2 Dificuldades encontradas para trabalhar as atividades com alunos do 6º ano?

3. Conteúdo da educação física no 6º ano.

3.1 Possui planejamento de aula? Se possuir como é realizado?

() Anual

() Semestral

() Bimestral

.....

3.2 Quais conteúdos são utilizados?

4. Em relação aos gêneros na educação física.

4.1 Possui planejamento para a questão do gênero na educação física? Se possuir? Qual a metodologia utilizada para trabalhar essas aulas?

4.2 Qual sua visão como professor (a) sobre as práticas corporais mistas nas aulas de educação física?

4.3 Qual tipo de estereótipos de gêneros mais utilizados pelos alunos nas aulas de educação física?

() Biológico

() Sociocultural

() Motor

() Raciais e étnicos

() Religioso